

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NA PERSPECTIVA DO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE CAETITÉ/BA

Fabricio Junqueira Rocha[1]

Sônia Maria Alves de Oliveira Reis[2]

Círculo de Saber 02: Educação do Campo, formação por área de conhecimento e Agroecologia

Resumo: Este trabalho tem como foco de estudo a oferta da Educação de Jovens e Adultos na realidade da Educação do Campo. Neste sentido, o objetivo central é identificar os desafios que perpassam por essa modalidade, desde os estudantes até os demais envolvidos – professores, coordenação, direção e demais atores da comunidade escolar. Esta pesquisa segue uma abordagem qualitativa. Seus passos consistem na análise dos dados de observação não participante, entrevistas e questionários, frutos da pesquisa de campo. Nesse sentido, para produção dos dados, optou por duas escolas localizadas no distrito de Maniaçu, pertencente ao município de Caetité – Bahia. Os dados evidenciaram que o principal desafio dos/as discentes foi o de serem vistos dentro do espaço escolar. Por muito tempo foram invisibilizados pela sociedade, por isso, exigem tal visibilidade ao chegar na escola. Em relação aos depoimentos dos/as professores/as e coordenadoras das escolas pesquisadas, o principal desafio apresentado foi o de dar visibilidade aos educandos/as da Educação de Jovens e Adultos. Os/As profissionais afirmaram que uma das principais preocupações é a inclusão dos/as estudantes na programação das atividades escolares.

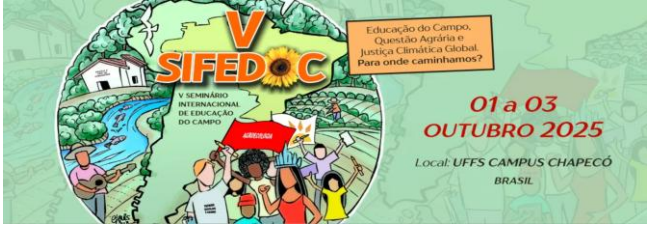
Palavras-chave: Inclusão; Ensino no campo; Ensino de jovens e adultos.

Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma das modalidades da Educação Básica brasileira destinada aquelas pessoas que não tiveram acesso à educação no período que se esperava (Brasil, 1996). Essa falta de acesso está envolta por muitas lentes, nesse sentido, a EJA se constrói sobre três pilares. O primeiro é a função reparadora, que busca reparar todos os direitos negados a esse público durante toda trajetória da EJA. O segundo é a função equalizadora, que procura garantir os direitos dos jovens e adultos de forma igualitária, buscando mecanismos para sanar o déficit de oportunidades no passado. Por fim, o terceiro é a função qualificadora, a qual objetiva garantir uma EJA que trabalhe a educação ao longo da vida e por toda vida (Brasil, 2000; Keller; Becker, 2020).

[1] Licenciado em Ciências Biológicas na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Docente (PPGEDUF) pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: fabricio201924@Outlook.com.

[2] Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia UNEB, Campus XII. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Docente (PPGEDuF/UNEB), do qual é coordenadora desde janeiro de 2024. E-mail: smaoliveira@uneb.br.



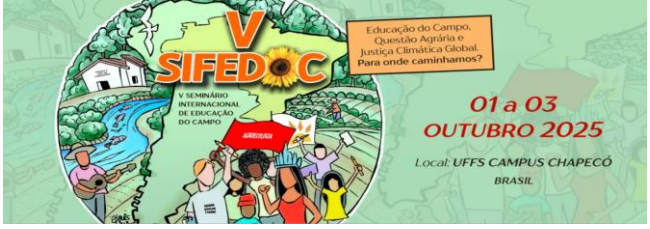
Ao inserir esses jovens e adultos no ensino, a garantia da permanência dessas pessoas na escola também precisa ser considerada, haja vista que o público da EJA enfrenta muitos desafios para concluir seus estudos. Os dados do censo escolar de 2024 demonstraram que no Brasil há 2.192.098 matrículas na Educação de Jovens e Adultos (Brasil, 2024), neste grupo estão inclusos mães, pais, avós, trabalhadores assalariados, trabalhadores rurais, e muitos outros grupos que, de certo modo, apresentam alguma atividade laboral. São categorias que estão separadas e apresentam especificidades, mas, quando analisadas em conjunto reverberam intersecções.

Na contemporaneidade, a Educação de Jovens e Adultos ainda carrega muito preconceitos, o que pode acarretar a exclusão da modalidade em diversos âmbitos, especialmente no ambiente escolar. Alguns sistemas de ensino têm a concepção de que os investimentos educacionais devem ser destinados apenas na formação do público da educação considerada “regular”, ou seja, o ensino de crianças e adolescentes (Júnior, 2017), no entanto, considerando as ideias postas pela Constituição Federal de 1988, todas as pessoas podem e devem ter acesso à educação (Brasil, 1988). A educação é o caminho para a emancipação do indivíduo (Freire, 2024).

Diante dos fatos apresentados, reitera-se que este trabalho tem como foco de estudo a oferta da Educação de Jovens e Adultos na realidade da Educação do Campo. Neste sentido, o objetivo central é identificar os desafios que perpassam por essa modalidade, desde os estudantes até os demais envolvidos – professores, coordenadores, direção e outros atores da comunidade escolar.

Considerando o exposto, o grande desafio é garantir que os/as moradores/as do campo permaneçam na escola, isto não somente na realidade da EJA, mas de toda Educação Básica destinada às pessoas do meio rural. Faz-se necessário uma educação que atenda as realidades dos camponeses e camponesas, a fim de garantir que seu processo de ensino e aprendizagem seja significativo, amenizando, portanto, a evasão e desistência escolar (um dos principais problemas nessas escolas).

Este estudo é um recorte de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). O objetivo central do estudo foi de compreender quais os desafios e perspectivas da Educação de Jovens e Adultos em escolas do Campo no município



de Caetité/BA, tendo como base para investigação as aulas de Ciências e Biologia em duas escolas localizadas no distrito de Maniaçu, Caetité - Bahia. Das unidades de ensino do estudo, uma é reconhecida como do campo e a outra não, porém, está última atende estudantes das comunidades campesinas circunvizinhas.

Percurso metodológico

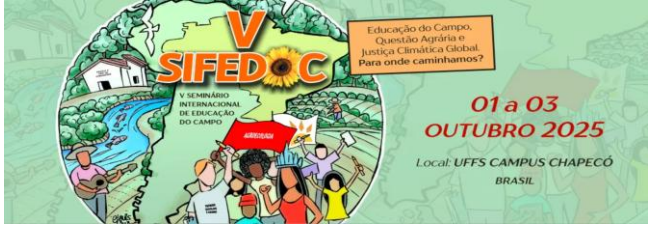
Esta pesquisa segue uma abordagem qualitativa. Seus passos consistem na análise dos dados da observação não participante, entrevistas e questionários, frutos da pesquisa de campo (Minayo, 2007). Nesse sentido, para produção dos dados, optou por duas escolas localizadas no distrito de Maniaçu, pertencente ao município de Caetité/BA.

A seleção das escolas para ser o objeto central do estudo deu-se a partir dos seguintes critérios: a) duas escolas públicas: uma municipal e outra estadual; b) ambas estarem localizadas no meio rural ou atender grande parcela de alunos do campo; c) ofertar a modalidade Educação de Jovens e Adultos.

As duas escolas foco deste trabalho foram escolhidas conforme o número de matrículas, ou seja, aquela escola que tivesse maior quantitativo. Após seleção, foi feito o contato com as escolas municipais e a estadual, através de envio do “Termo de consentimento livre e esclarecido”. Após aceite, a etapa seguinte consistiu na apresentação do projeto de pesquisa aos colaboradores da pesquisa.

Optou-se por observar todas as turmas de EJA nas escolas que atendessem as etapas do Ensino Fundamental II (anos finais) – Eixo IV e Eixo V - e Ensino Médio – Eixo VI e VII. Em seguida, foi feita a aplicação de questionários para os estudantes e formulários online aos professores/as da EJA, e posteriormente foram realizadas entrevistas, com estudantes, professores/as, diretores e coordenadoras. Por fim, realizou-se um momento de diálogo coletivo, roda de conversa, com os/as docentes que atuam nas turmas da Educação de Jovens e Adultos na escola estadual.

O questionário foi aplicado em todas as turmas de EJA e para todos/as os/as estudantes, enquanto que os questionários dos/as professores/as foi destinado somente aos que trabalham com Ciências ou Biologia nas turmas pesquisadas. Já as entrevistas, foram realizadas com apenas dois estudantes de cada turma – um de sexo masculino e outra do sexo feminino, e com todos os/as professores/as que atuam nas turmas da EJA na disciplina de Ciências ou Biologia. Apenas em uma das turmas,



EJA Eixo V, da escola municipal, que não foi possível realizar as entrevistas por conta do tempo limitado para finalizar esta pesquisa.

"Meu desafio é eu mesma lutando todos os dias com meu cansaço para vir"

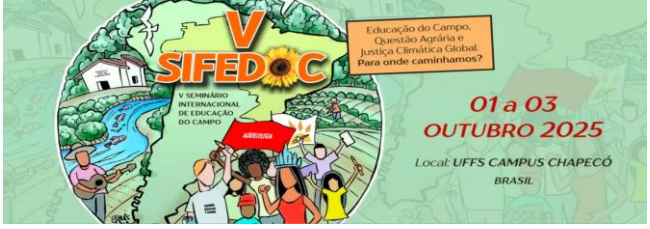
Não há outra maneira de começar esta seção se não com um relato de uma aluna da EJA. Primeiramente, quando se fala dos desafios enfrentados nesta modalidade, é fato que a palavra **luta** ganha destaque, afinal, é um ensino pautado em pessoas que estão na escola lutando por um direito que lhe foi negado em tempos pretéritos, que inclui a constante luta contra as questões individuais e pessoas do dia a dia para estarem na escola, e fazendo jus ao direito concebido depois de tanto tempo.

Esta realidade descrita é comum para aqueles jovens e adultos que estão em busca da escola. De fato, nas unidades de ensino do campo de Caetité/BA, o principal desafio dos/as educandos/as é sem dúvidas a dificuldade de conciliar trabalho, escola e cansaço, visto que a maioria (mais de 70%) são trabalhadores e trabalhadoras, principalmente produtores rurais. Junto a isto, ecoa a problemática do percurso/trajeto feito pelos estudantes até chegar às escolas, considerando que em média 78,4% desses jovens e adultos são provenientes de povoados ou comunidades do entorno dessas unidades, algumas distantes até 26 km. A frequência dos/as estudantes não é um problema, visto que somente 3,6% diz não frequentar regularmente, e um dos motivos para isto é justamente a falta de tempo.

Dentro os vários desafios apresentados pelos/as estudantes, outro de destaque foi a segregação e/ou exclusão dentro da escola. Em contraponto, ao questionar os/as professores/as e coordenadoras das escolas, todos apresentam como desafios a dificuldade de incluir os/as educandos/as da EJA na programação das ações desenvolvidas, sejam atividades na sala de aula, como projetos extraclasse. Portanto, vê-se esta preocupação dos dois lados: um que quer ser visto e outro que quer dar visibilidade.

Os desafios dos/as educandos/as: serem vistos/as

O desejo dos/as estudantes da EJA em serem vistos/as vai além da escola. São pessoas que passaram muito tempo invisibilizadas pelos variados espaços sociais: no trabalho, nas relações familiares, e por tantas vezes no âmbito da educação formal pela falta de políticas públicas. Portanto, o acesso à escola é apenas



um dos passos para alcançar tal sonho. No que diz respeito aos sujeitos advindos do meio rural, pode-se acrescentar a sua desvalorização, que vem acompanhada pelos estereótipos que permeiam esses espaços, como a visão do sujeito do campo como ignorante e analfabeto, nomeando-os com termos pejorativos como “matuto” e “jeca-tatu” (Filho; Silva, 2017).

Na verdade, tem-se que ter entendível que viver em sociedade é ter ciência que o ser humano enquanto produtor de cultura e de relações interespaciais é capaz de possuir características próprias, centradas na localidade e realidade que existe, portanto, possui uma forma de falar própria, assim como modos de agir característicos, que, podem ou não ser diferente dos demais locais. Isto não deve o caracterizar como ignorante e muito menos passíveis de discriminação, ao contrário, que seja visto como alguém com especificidades, e que tem muito a ensinar, como qualquer outra pessoa advinda do meio urbano e de outra região.

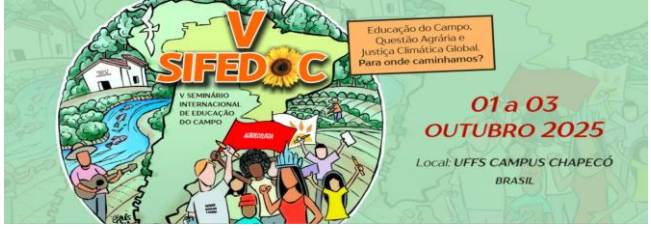
Posto esses principais desafios, é inegável o papel da escola, especificamente as do/no campo, em trabalhar para a valorização e potencialização desses/as educandos e educandas que estão vindo do campo, que exigem e sonham como uma educação mais inclusiva.

> *“Melhorias para mais inclusão dos alunos da EJA, afinal quem é aluno de EJA não é porque quer, mas sim por ser uma das melhores maneiras de conciliar o trabalho e estudo”* (A72).

Este relato de um/a educando/a evidencia a angústia dos/as estudantes da EJA em serem vistos/as para além de pessoas que estão ali para cumprir uma obrigação. Se estão nessa condição é porque foi a única maneira que encontraram para conciliar as demandas do dia a dia e o desejo de estudar. Na realidade atual, o principal desafio desse público é conseguir conciliar a vida pessoal, o trabalho, os estudos, e o produto disto tudo, o cansaço.

> *“[...] A gente sai tipo assim do trabalho umas 17 horas e chega em casa mais ou menos 17:30 horas, meio corrido, tendeu? Chega em casa tem que cuidar de animais, aí a gente vem de moto até no ponto [de ônibus] na pista, aí a gente pega o ônibus até a escola”* (G.C.S).
>
> *“Eu acordo cedo, primeiramente cuido da casa [...] na parte da tarde eu trabalho até umas 16 horas [...] eu também tenho um filho, tem 2 anos aí tem que cuidar dele, aí a hora que dá umas 17:30 horas eu tenho que deixar ele na casa de minha mãe, arrumar para eu vim para escola [...] a van passa mais ou menos 18:30 horas [...]”* (J.O.P).

São muitas as variáveis que desafiam os estudantes da EJA, onde em sua grande maioria, entrelaçam entre si. No caso do aluno G.C.S, além de trabalhar, enfrenta outra questão, que é realizar os afazeres de casa antes de ir para a escola e



percorrer longas distâncias até chegar ao ponto de ônibus. A aluna J.O.P apresenta realidade semelhante ao colega, o que os difere é a sua condição de mãe. Além de todo trabalho, tem que cuidar do filho de 2 anos.

A realidade de J.O.P é um outro fator que se considera desafiador na EJA. Isto, pois, muitos/as educandos e educandas são pais e mães, e muitas vezes não tem um apoio/suporte para cuidar dos/as filhos e filhas, o que contribui para a desistência dessas pessoas (Eiterer; Dias; Coura, 2014). No caso de J.O.P, sua mãe dá o suporte no cuidado do filho para que possa ir à escola, mas, em tempos pretéritos, algumas das alunas que estão matriculadas na EJA não tiveram esse suporte, e acabou tendo que desistir, só voltando depois que os/as filhos/as já estão adultos/as.

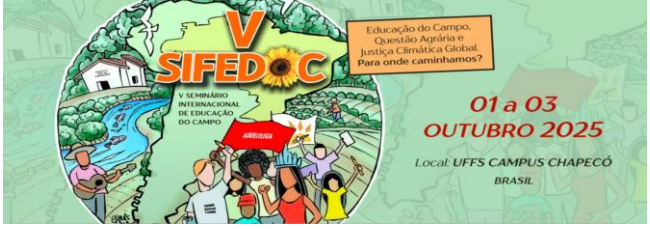
> *"Eu estudei em 92, acho que tem 32 anos atrás, aí fiquei esse tempo todo, tive filhos, fui cuidar dos filhos, depois que eles cresceram aí já se casou, aí acabei ficando só, aí resolvi voltar para a escola"* (S.A.S).
> *"[...] quando eu terminei da 8ª série com 19 anos aí eu parei porque aí para seguir o ensino médio teria que ir para Caetité, porque não tinha esse colégio aqui, aí eu já estava noiva, parei, casei, e tive meus filhos, e sempre com o desejo de voltar a estudar. Isso se passou 23 anos, e esse ano eu voltei! Estou aqui no* [colégio] *fazendo o 1º e o 2º no EJA e estou feliz"* (R.A.A).

Essas questões de conciliar estudo com o cuidado dos/as filhos/as afetam principalmente as mulheres, devido a estereótipos atribuídos a elas, visto que são pessoas que historicamente carrega essa obrigação do cuidado dos/as filhos/as, onde são vistas como únicas responsáveis pelos trabalhos domésticos, incluindo junto a isto a função reprodutiva. No caso das estudantes da EJA, estar nas escolas implica em "coordenar responsabilidades de mãe, esposa, filha, dona de casa, estudante, trabalhadora, entre outros" (Eiterer; Dias; Coura, 2014, p. 168).

Nas escolas pesquisadas é comum muitas mães que levam os/as filhos e filhas para as aulas. A escola, neste caso assume o seu papel acolhedor, inclusivo e equitativo, e garante que essas mães não desistam de seus estudos, visto que permite a entrada dessas crianças. Para além disto, cabe reforçar a necessidade de maior ampliação das escolas para receber essas mães, melhorando sua estrutura de suporte, como a implementação de brinquedotecas, berçários e outros.

Além de acolher os/as filhos/as corriqueiramente, uma das escolas conta com um projeto chamado família na escola, onde destina-se um dia no ano letivo para que os/as estudantes possam levar seus familiares para um momento de convivência, com atividades diversas, incluindo palestras.

Os longos trajetos percorridos até chegar à escola é um outro desafio, e não é uma realidade restrita apenas aos jovens e adultos do noturno, mas é comum àqueles



matriculados nas demais modalidades de ensino nos turnos matutino e vespertino. Fato é que, para os sujeitos da EJA, torna-se mais difícil devido à vida corrida ao longo de todo dia. Até porque, como salienta G.C.S, o momento de ir para escola no transporte deveria ser um momento de descanso, mas às vezes acaba sendo mais cansativo.

> *"[...] no ônibus é muita bagunça [...] a gente cansado vem para a escola estudar, aí quando chegar no ônibus para descansar um pouco aí não tem sossego por causa da bagunça de outros alunos. E às vezes também por conta das chuvas também [...]"* (G.C.S).

Em relação ao trajeto, outro fator a se considerar é o tempo e a distância de deslocamento, principalmente quando se considera que apesar de mais de 70% utilizar o transporte escolar, é comum que algumas pessoas tenham que se deslocar longas distâncias por conta própria para acessá-lo.

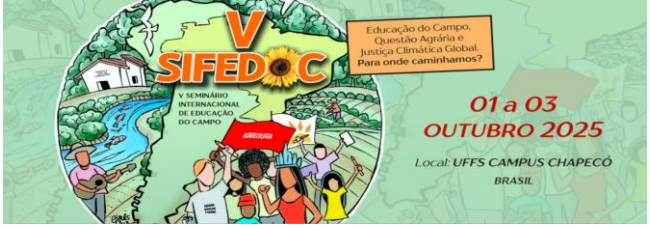
> *"O desafio maior é só porque eu só posso vir à noite e a viagem é um pouco longa, às vezes chega aqui cansado do dia todo de trabalho na roça, aí chega com um soninho, mas no mais está tudo ótimo"* (R.A.A).
> *"[...] eu saio de casa, eu gasto meia hora [...] como eu moro na roça, eu tenho que sair mais cedo [...] eu saio 17:30 horas para vir, que é longe [...] para voltar a van passa em frente a minha casa [...] porque pra mim descer da onde eu pego para ir para casa é mais longe ainda"* (J.N.S).

O percurso até a escola é um desafio, e no passado também era um problema. Inclusive foi motivo de desistência para muitos/as estudantes nesse percurso, como destaca R.A.A: *"Foi muito difícil, porque eu morava muito longe da escola assim quando iniciei que era criança. A gente tinha que ir 2 km a pé. A gente acordava bem cedo"* (R.A.A).

Outro desafio identificado nesta pesquisa foi a segregação dos/as estudantes da EJA. Isto é fruto dos estereótipos que essa modalidade carrega; portanto, essa condição de separação como um grupo à parte vem dos diversos lados, seja dos/as próprios/as estudantes, por acharem que não são passíveis de estarem ocupando outros espaços além da sala de aula com aulas tradicionais, como também dos/as professores/as e toda comunidade escolar, por muitas vezes subestimar e/ou infantilizar os/as estudantes da EJA. Neste estudo foi possível identificar esses dois lados, sendo posto a seguir a visão dos/as educandos/as.

> *"Os alunos de EJA hoje por um certo lado acaba sendo excluído de algumas coisas, tem certos projetos [...] os alunos de EJA não são privilegiados para ta participando [...] acho que tem um pouco de um tipo de descriminação"* (J.V.S.A).

Este estudante se sente excluído na EJA, justamente por não ter acesso a outras atividades da escola, que são ofertadas para o Ensino Regular. Adiante será exposto que isto não está apenas relacionado a falta de valorização por parte da



escola, visto que as unidades de ensino oferecem projetos para que todos/as discentes possam participar; na verdade muitos não têm interesse em participar, são poucos os que se interessam.

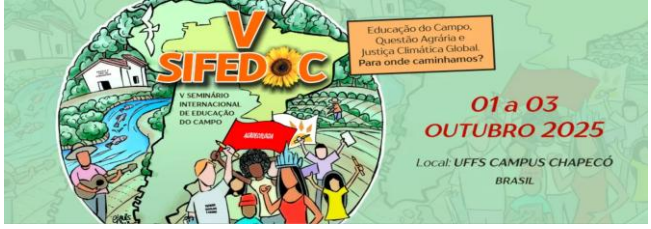
> *"[...] não é como a gente pensa. Quem pensa que estudar EJA é tipo não estudo muito valioso, é muito pelo contrário [...] eu não achei que sim é um estudo que valoriza também as condições das pessoas que tá ali no EJA, valoriza muito, porque é uma maneira da gente não desistir. De qualquer forma é valioso"* (A.P.S.C.C).

O relato da estudante A.P.S.C.C demonstra que sua escola está preocupada com sua permanência na instituição. A estudante afirma que o estudo na EJA procura valorizar as condições de vida sua e de seus colegas. O depoimento desta estudante conflitua com uma preposição de um estudante da mesma turma, o qual afirma não aprender nada na escola porque na EJA tudo é fácil. Diante dessa situação, pode-se deduzir alguns cenários: primeiro que esse estudante pode ser repente na EJA ou no regular, principalmente quando se considera que muitos/as alunos/as da EJA compartilham desta mesma realidade; a segunda questão é que há chances de a escola ainda possuir traços de infantilização dos métodos utilizados. Mesmo sendo uma instituição que demonstra se preocupar com a aprendizagem da forma correta para os jovens e adultos, é preciso ressaltar que a infantilização é algo estrutural e com raízes profundas dentro dessa modalidade de ensino em todo Brasil.

Contextualizando, é preciso entender que por muito tempo os conteúdos e métodos utilizados na Educação de Jovens e Adultos foram e são organizações numa visão infantilizada, ou seja, considerando os/as estudantes da EJA como crianças, adolescentes e incapazes de aprender algo complexo. No entanto, sabe-se que o público dessa modalidade inclui pessoas com características próprias, portanto, exigem o direito de um ensino pautado nas suas especificidades. Pensando nesta questão, o Parecer CNE/CEB 11, de 2000, enfatiza "que não se pode 'infantilizar' a EJA no que se refere a métodos, conteúdos e processos", em concordância com este documento, Oliveira e Neves (2017, p. 39) ressaltam que na EJA "não deve visar apenas a reposição do conhecimento, mas dialogar com os saberes que o aluno já possuem, levando em consideração todos os impasses que enfrentam no dia a dia".

Os desafios da escola (professores/as, gestão e coordenação): dar visibilidade

> *"Eu estou angustiada em relação a essa questão da EJA, da gente conseguir da vida na EJA como a gente da vida durante o dia"* (F.L.M).



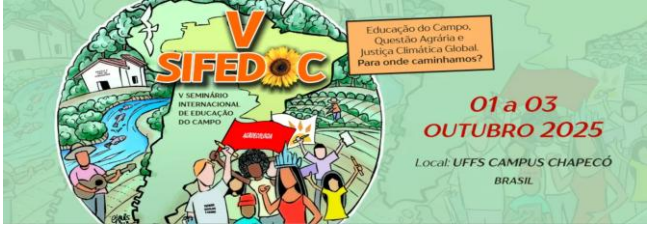
Os relatos dos/as professores/as, gestão escolar e coordenação pedagógica das escolas evidenciam a preocupação com o Ensino de Jovens e Adultos. Todos apresentam o desejo de dar voz e visibilidade aos educandos e educandas, não só isto, demonstram possuir conhecimento da necessidade de mudar a postura da escola frente a esta situação. F.L.M, coordenadora pedagógica de uma das escolas, destaca em seu depoimento que a escola *"está tentando organizar um espaço para a EJA porque não tem esse espaço. O planejamento ele é mais voltado para o integral ou as turmas do novo ensino médio. A gente não prioriza, eu enxergo isso, é uma falha né enquanto escola [...]"*.

Este último recorte demonstra que a escola sabe da necessidade de dar prioridade aos estudantes matriculados/as na EJA. Junto a essa falta de espaço dos/as estudantes estão outros fatores que interligam, como a necessidade de se pensar um planejamento mais articulado dentro da escola. No entanto, são apresentados pelos/as professores, professoras e coordenadoras um grande empecilho, que é a falta de tempo para esse planejamento, principalmente quando se considera que os/as docentes da EJA também trabalham no Ensino Regular, e acabam priorizando esta última modalidade durante o planejamento.

> *"[...] a gente não tem um professor exclusivo de EJA, talvez se tivesse professor de EJA e professor do integral conseguisse separar, mas todo mundo aqui, como a escola é pequena, todo mundo trabalha no integral e na EJA, aí a gente não separa, teria que separar [...] não sei também como vai ser [...] Então a gente vai ter que buscar uma estratégia para isso também, porque a gente tinha no noturno também turmas regulares, a última turma sai esse ano, que é o 3º ano; ano que vem só vai ter EJA então querendo ou não a escola metade ou mais metade dos nossos alunos vai ser aluno de EJA, e a gente vai precisar de um planejamento; a gente vai precisar de uma proposta, agora a gente tá aí na organização do PPP e essa proposta nova vai estar dentro do PPP né esse trabalho com EJA é necessário"* (F.L.M).

Procurando estratégias para priorizar a Educação de Jovens e Adultos, uma das soluções propostas por uma coordenadora é de fazer as ACs específicas para a EJA, considerando que na realidade isto não acontece. O planejamento é junto com as demais modalidades. No entanto há a queixa pela falta de tempo/espaço na carga horária.

> *[...] agora o espaço de tempo que a educação básica dá para o planejamento do professor é pouco gente. Você tem 26 aulas e o espaço de planejamento [...] mas é pouco para você pensar no integra, pensar novo ensino médio, pensar a EJA para o juvenil e a EJA que seria realmente os jovens e adultos, então assim, tem uma necessidade, mas o que é oferecido para agente hoje na educação básica é muito pouco [...] O professor não tem espaço dentro da educação básica para ser um professor pesquisador, para estudar... tudo que é feito aqui, é feito fora do horário né."* (F.L.M).



Ainda durante a roda de conversa com docentes e coordenação foi possível perceber de fato a angústia das pessoas em relação ao ensino, não apenas na EJA, mas também da Educação Básica como todo. Toma destaque nas falas a precarização do ensino, agora numa visão das coordenadoras e educadores/as. A cobrança é que não têm carga horária suficiente para planejar suas aulas, para buscar metodologias mais atrativas e inclusivas, e menos tempo para focar nas pesquisas, principalmente quando é pensada a falta de estrutura física para tal, como a disposição de laboratórios e internet de qualidade. Fato é que, muitos/as docentes atuam foram de sua carga horária para desenvolver alguns projetos da escola.

Viegas (2022, p. 7) confirma as proposições supracitadas acerca da intensificação do trabalho docente. Segundo este autor, "o planejamento, a organização e a preparação das aulas constituem um dos mais exigentes aspectos da carga de trabalho docente, envolvendo uma série de atividades a serem organizadas". Essas atividades de certo modo ultrapassam a carga horária prevista para o trabalho do/a professor/a, o que exige de se estender para a vida cotidiana.

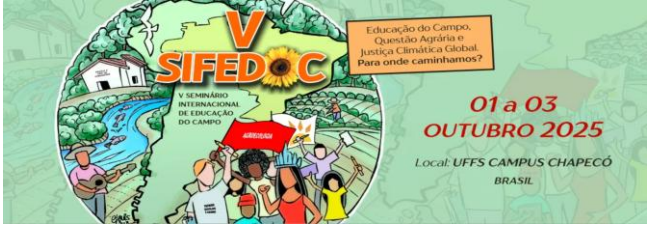
Diante desse cenário, o/a docente que trabalha na Educação Básica com a EJA, não é exclusivo dessa modalidade, afinal, como afirma um dos professores *"[...] você tem uma carga horária extensa em sala de aula, isso te obriga a pegar turmas de anos diferentes, o que exige muito mais [...]*" (D.S). Essa problemática é um fator que tem contribuído para a dificuldade de se pensar em um ensino específico para EJA nas escolas do campo.

Ainda imersos na problemática do planejamento, outro aspecto surge, que é a dificuldade de se fazer o planejamento coletivo, seja entre todos/as os/as professores/as da escola, como também de cada área do conhecimento. Essa realidade é mais evidente na escola da rede estadual, visto que na municipal ainda é feito a AC coletiva por área no NEAF[3], que é quinzenal; por exemplo, as de Ciências da Natureza e Exatas ocorrem na quinta-feira.

> *"[...] o planejamento coletivo não existe, o planejamento ele é feito individualizado, não só da minha disciplina, mas de todas disciplinas eu vejo isso, e eu sempre bato na tecla que há necessidade que haja o planejamento coletivo dentro da escola, porque eu vejo a EJA como uma educação diferenciada, onde os alunos precisam de mais atenção"* (C.S.S).

Portanto, além de se pensar em dar visibilidade aos estudantes da EJA, as instituições de Educação Básica necessitam de serem vistas e ouvidas.

[3] Núcleo Educacional de Avaliação e Formação.



Principalmente no que tange as condições para organização escolar para tornar esse espaço mais acessível e inclusivo para os/as estudantes, sendo necessário partir de um olhar sobre os/as profissionais que trabalham nessa modalidade, especialmente a organização de seus trabalhos.

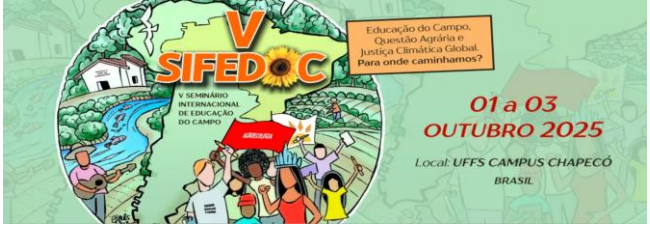
Considerações finais

Com este estudo, foi possível identificar alguns desafios que permeiam a Educação de Jovens e Adultos no município de Caetité/BA. São questões que atravessam os diversos sujeitos envolvidos nessa modalidade, partindo dos/as estudantes e perpassando pelos/as docentes, direção e coordenação.

No que diz respeito aos discentes, o principal desafio apresentado foi o de serem vistos dentro do espaço escolar. Por muito tempo foram invisibilizados pela sociedade, por isso, exigem tal visibilidade ao chegar na escola. Fazer os/a estudantes da EJA vistos é priorizar suas especificidades nas práticas educativas e pedagógicas, ou seja, incluir todos/as nas atividades; considerar seus ritmos de aprendizagens, sem infantilizar o ensino; as condições de acesso à escola, como por exemplo, o deslocamento diário; por fim, as falas dos/as contribuintes da pesquisa instiga a considerar todos/as como pessoas carregadas de direitos, significância e modos de vida particulares.

Em relação aos depoimentos dos/as professores/as e coordenadoras das escolas pesquisadas, o principal desafio apresentado foi o de dar visibilidade aos educandos/as da EJA. Os/As profissionais afirmaram que uma das principais preocupações é a inclusão dos/as estudantes, principalmente quando se considera que todos os/as docentes que atuam na Educação de Jovens e Adultos também estão no ensino regular, assim, quase não sobra tempo suficiente para planejar as ações para o ensino de jovens e adultos.

Em síntese, é indispensável considerar a Educação de Jovens e Adultos ainda apresentam muitos desafios, muitos que não foram identificados neste estudo, portanto, são necessárias mais pesquisas neste campo, principalmente voltadas para o desenvolvimento de políticas públicas para garantir o acesso e permanência dos jovens e adultos à escola, procurando atender a todas as suas particularidades.



Referências

BRASIL, 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. **Lei n. 9.394, 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.
BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo Escolar da Educação Básica 2024**: Resumo Técnico. Brasília, 2025.

BRASIL. Ministério da Educação/CNE. Parecer nº 11/2000. Relator: Carlos Roberto Jamil Cury. Brasília, DF de 2000. **Diretrizes Curriculares Nacionais Para A Educação de Jovens e Adultos**. Brasília, 2000.

EITERER, C. L.; DIAS, J. D.; COURA, M. Aspectos da escolarização de mulheres na EJA. **Perspectiva**, [S.L.], v. 32, n. 1, p. 161-180, 30 abr/2014. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). http://dx.doi.org/10.5007/2175-795x.2014v32n1p161.

FILHO, I. D. C.; SILVA, C. Reflexões sobre a educação do campo: revisitando a história do Brasil. **Revista Educação Popular, Uberlândia**, v. 16, n. 3, p. 67-83, set./dez. 2017. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/pdf/rp/v32n1/2175-795X-rp-32-1-00161.pdf. Acesso em: 11 abr. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

JÚNIOR, A. C. A.; **Meu amanhecer vai ser de noite**: a busca por uma formação inicial de professores de biologia para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília, 2017. Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências.

KELLER, L.; BECKER, E. L. S. A TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL. **Revista EJA em Debate**, 2020, n.15. Disponível em: https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/2777. Acesso em: 26 abr. 2024.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. *In:* DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S (org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2007.

OLIVEIRA, K. P.; NEVES, S. C. **A FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL E O LUGAR DA EJA NOS CURSOS DE LICENCIATURA DOS CAMPI VI E XII DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**. 2017. 86 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Departamento de Educação (DEDC), Universidade do Estado da Bahia, Guanambi, 2016.

VIEGAS, M. F. Trabalhando todo o tempo: sobrecarga e intensificação no trabalho de professoras da educação básica. **Educação Pesquisa**, São Paulo, v. 48, e244193, 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ep/a/7Jx7mQXpBGZp5CLgcW94WHy/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 12 mai. 2024.